

# Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VIII

SETEMBRO DE 1865

Nº 9

## Mediunidade Curadora

Escrevem-nos de Lyon em 12 de julho de 1865:

“Caro Senhor Kardec,

“Na qualidade de espírita, venho recorrer à vossa gentileza e pedir alguns conselhos relativamente à prática da mediunidade curadora pela imposição das mãos. Um simples artigo a respeito na *Revista Espírita*, contendo alguns desenvolvimentos, seria acolhido, tenho certeza, com grande interesse, não só pelos que, como eu, se ocupam desta questão com ardor, mas ainda por muitos outros a quem a leitura poderia inspirar o desejo de também dela se ocuparem. Lembro-me sempre das palavras de uma sonâmbula que eu tinha formado. Eu a mandava visitar, durante o sono magnético, uma doente a distância, e à minha pergunta como poderia curá-la, disse ela: Há alguém em seu vilarejo que o poderia. É fulano. Ele é médium curador, mas *nada sabe disto*.

“Não sei até que ponto essa faculdade é especial; cabe a vós apreciá-la, mais do que a qualquer outro. Mas se realmente o for, quanto seria desejável que sobre esse ponto chamásseis a

atenção dos espíritos. Todos os que vos lessem, mesmo fora de nossas opiniões, não poderiam sentir qualquer repugnância em experimentar uma faculdade que só reclama fé em Deus e oração. Que de mais geral e mais universal? Não se trata mais de Espiritismo e, nesse terreno, cada um pode conservar suas convicções. Quantas irmãs de caridade, quantos bons curas do campo, quantos milhares de pessoas piedosas, ardentes pela caridade, poderiam ser médiuns curadores! É o que sonho em todas as religiões, em todas as seitas. Essa faculdade, esse presente divino da bondade do Criador, em vez de ser o apanágio de alguns, cairia, se assim me posso exprimir, no domínio público, já que é aceita em toda parte. Seria um belo dia para os que sofrem, e os há tanto!

“Mas, para exercitar essa faculdade, independentemente de uma fé viva e da prece, há condições a reunir, procedimentos a seguir, a fim de que sua atuação seja a mais eficaz possível. Qual a parte do médium na imposição das mãos? Qual a dos Espíritos? É preciso empregar a vontade, como nas operações magnéticas, ou limitar-se a orar, deixando a influência oculta agir à vontade? Essa faculdade é, realmente, especial ou acessível a todos? O organismo aí representa um papel? e que papel? Essa faculdade é desenvolvível? e em que sentido?”

“É aqui que vossa longa experiência, vossos estudos sobre as influências fluídicas, o ensino dos Espíritos elevados que vos assistem e, enfim, os documentos que recolheis de todos os recantos do globo vos podem permitir esclarecer-nos e instruir-nos; ninguém como vós está colocado nessa posição única. Estou certo de que todos os que se ocupam desta questão desejam vossos conselhos tanto quanto eu, e creio fazer-me o intérprete de todos. Que mina fecunda é a mediunidade curadora! Aliviar-se-á ou curar-se-á o corpo e, pelo alívio ou pela cura, encontrar-se-á o caminho do coração, onde muitas vezes a lógica havia falhado. Quantos recursos possui o Espiritismo! Como é rico de meios a que está

chamado a servir! Não deixemos nenhum improdutivo; que tudo concorra para o elevar e espalhar. Para tanto nada poupareis, senhor Kardec; e depois de Deus e dos Espíritos bons, o Espiritismo vos deve o que é. Já tendes uma recompensa neste mundo pela simpatia e pela afeição de milhões de corações que oram por vós, sem contar a verdadeira recompensa que vos espera num mundo melhor.

“Tenho a honra, etc.”

A. D.

O que nos pede nosso honrado correspondente é nada menos que um tratado sobre a matéria. A questão foi esboçada em *O Livro dos Médiuns* e em muitos artigos da *Revista*, a propósito dos casos de curas e de obsessões; está resumida em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, a propósito das preces pelos doentes e dos médiuns curadores. Se um tratado regular e completo ainda não foi feito, isto se deve a duas causas: a primeira é que, malgrado toda atividade que desenvolvemos em nossos trabalhos, é-nos impossível fazer tudo ao mesmo tempo; a segunda, que é mais grave, está na insuficiência das noções que a respeito se possuem. O conhecimento da mediunidade curadora é uma das conquistas que devemos ao Espiritismo; mas o Espiritismo, que começa, ainda não pode ter dito tudo; não pode, de um só golpe, mostrar-nos todos os fatos que abarca; diariamente os mostra novos, dos quais decorrem novos princípios, que vêm corroborar ou completar os que já conhecíamos, mas precisamos de tempo material para tudo. A mediunidade curadora deveria ter a sua vez; embora parte integrante do Espiritismo, ela é, por si só, toda uma ciência, porque se liga ao magnetismo, e não só abarca todas as doenças propriamente ditas, mas todas as variedades, tão numerosas e tão complexas, das obsessões, que, por seu turno, também influem sobre o organismo. Não é, pois, em poucas palavras que se pode desenvolver um assunto tão vasto. Nele trabalhamos, como em

todas as outras partes do Espiritismo; mas como aí nada queremos introduzir por nossa própria conta e que seja hipotético, procedemos pela via da experiência e da observação. Como os limites deste artigo não nos permitem dar-lhe o desenvolvimento que comporta, resumimos alguns dos princípios fundamentais que a experiência consagrou.

1. – Os médiuns que obtêm indicações de remédios, da parte dos Espíritos, não são aquilo que chamamos médiuns curadores, pois não curam por si mesmos; são simples médiuns escreventes, que têm uma aptidão mais especial que outros para esse gênero de comunicações e que, por esta razão, podem ser chamados *médiuns consultores*, como outros são médiuns poetas ou desenhistas. A mediunidade curadora é exercida pela ação direta do médium sobre o doente, com o auxílio de uma espécie de magnetização de fato ou de pensamento.

2. – Quem diz *médium* diz *intermediário*. Há uma diferença entre o magnetizador propriamente dito e o médium curador: o primeiro magnetiza com seu fluido pessoal, e o segundo com o fluido dos Espíritos, ao qual serve de condutor. O magnetismo produzido pelo fluido do homem é o *magnetismo humano*; o que provém do fluido dos Espíritos é o *magnetismo espiritual*.

3. – O fluido magnético tem, pois, duas fontes bem distintas: os Espíritos encarnados e os Espíritos desencarnados. Essa diferença de origem produz uma grande diferença na qualidade do fluido e nos seus efeitos.

O fluido humano está sempre mais ou menos impregnado das impurezas *físicas e morais* do encarnado; o dos Espíritos bons é necessariamente mais puro e, por isto mesmo, tem propriedades mais ativas, que levam a uma cura mais rápida. Mas, passando através do encarnado, pode alterar-se, como acontece com a água límpida ao passar por um vaso impuro, e como sucede

com todo remédio, se permanecer num vaso sujo, perdendo, em parte, suas propriedades benéficas. Daí, para todo verdadeiro médium curador, a necessidade *absoluta* de trabalhar a sua depuração, isto é, o seu melhoramento moral, segundo o princípio vulgar: limpai o vaso antes de vos servirdes dele, se quizerdes ter algo de bom. Só isto basta para mostrar que não é qualquer um que pode ser médium curador, na verdadeira acepção da palavra.

4. – O fluido espiritual será tanto mais depurado e benfazejo quanto mais o Espírito que o fornece for mais puro e mais desprendido da matéria. Concebe-se que o dos Espíritos inferiores deva aproximar-se do do homem e possa ter propriedades *maléficas*, se o Espírito for impuro e animado de más intenções.

Pela mesma razão, as qualidades do fluido humano apresentam matizes infinitos, conforme as qualidades *físicas e morais* do indivíduo. É evidente que o fluido emanado de um corpo malsão pode inocular princípios mórbidos no magnetizado. As qualidades morais do magnetizador, isto é, a pureza de intenção e de sentimento, o desejo ardente e desinteressado de aliviar o semelhante, aliados à saúde do corpo, dão ao fluido um poder reparador que pode, em certos indivíduos, aproximar-se das qualidades do fluido espiritual.

Seria, pois, um erro considerar o magnetizador como simples máquina de transmissão fluídica. Nisto, como em todas as coisas, o produto está na razão do instrumento e do agente produtor. Por estes motivos, seria imprudência submeter-se à ação magnética do primeiro desconhecido. Abstração feita dos conhecimentos práticos indispensáveis, o fluido do magnetizador é como o leite de uma nutriz: salutar ou insalubre.

5. – Sendo o fluido humano menos ativo, exige uma magnetização continuada e um verdadeiro tratamento, por vezes muito longo. Gastando o seu próprio fluido, o magnetizador se

esgota, pois dá de seu próprio elemento vital; é por isto que ele deve, de vez em quando, recuperar suas forças. O fluido espiritual, mais poderoso, em face de sua pureza, produz efeitos mais rápidos e, muitas vezes, quase instantâneos. Como esse fluido não é o do magnetizador, resulta que a fadiga é quase nula.

6. – O Espírito pode agir diretamente, sem intermediário, sobre um indivíduo, como foi constatado em muitas ocasiões, seja para o aliviar e o curar, se possível, seja para produzir o sono sonambúlico. Quando age por um intermediário, é o caso da *mediunidade curadora*.

7. – O médium curador recebe o influxo fluídico do Espírito, ao passo que o magnetizador haure tudo de si mesmo. Mas os médiuns curadores, na estrita acepção do termo, isto é, aqueles cuja personalidade se apaga completamente diante da ação espiritual, são extremamente raros, porque essa faculdade, elevada ao mais alto grau, requer um conjunto de qualidades morais, raramente encontradas na Terra; só estes podem obter, pela imposição das mãos, essas curas instantâneas que nos parecem prodigiosas. Pouquíssimas pessoas podem pretender este favor. Sendo o orgulho e o egoísmo as principais fontes das imperfeições humanas, daí resulta que os que se vangloriam de possuir esse dom, que por toda parte vão enaltecendo as curas maravilhosas que fizeram, ou que dizem ter feito, que buscam a glória, a reputação ou o lucro, estão nas piores condições para o obter, porque essa faculdade é privilégio *exclusivo da modéstia, da humildade, do devotamento e do desinteresse*. Jesus dizia àqueles a quem havia curado: Ide dar graças a Deus e não o digais a ninguém.

8. – Sendo, pois, a mediunidade curadora pura uma exceção aqui na Terra, resulta quase sempre uma ação simultânea do fluido espiritual e do fluido humano; ou seja: os médiuns curadores são todos mais ou menos magnetizadores, razão por que

agem conforme os processos magnéticos. A diferença está na predominância de um ou de outro fluido, e na maior ou menor rapidez da cura. Todo magnetizador pode tornar-se médium curador, se *souber* fazer-se assistir por Espíritos bons. Neste caso os Espíritos lhe vêm em ajuda, derramando sobre ele seu próprio fluido, que pode decuplicar ou centuplicar a ação do fluido puramente humano.

9. – Os Espíritos vêm aos que querem; não os pode constranger nenhuma vontade; eles se rendem à prece, se esta for fervorosa, sincera, mas nunca por injunção. Disto resulta que a vontade não pode dar a mediunidade curadora e ninguém pode ser médium curador com desígnio premeditado. Reconhece-se o médium curador pelos resultados que obtém, e não *por sua pretensão de o ser*.

10. – Mas se a vontade é ineficaz quanto ao concurso dos Espíritos, é onipotente para imprimir ao fluido, espiritual ou humano, uma boa direção e uma energia maior. No homem indolente e *distraído*, a corrente é fraca, a emissão é lenta; o fluido espiritual pára nele, mas sem que o aproveite. No homem de vontade enérgica, a corrente produz *o efeito de uma ducha*. Não se deve confundir a vontade enérgica com a obstinação, porque esta é sempre uma consequência do orgulho ou do egoísmo, ao passo que o mais humilde pode ter *a vontade do devotamento*.

A vontade é ainda onipotente para dar aos fluidos as qualidades especiais apropriadas à natureza do mal. Este ponto, que é capital, liga-se a um princípio ainda pouco conhecido, mas que está em estudo: o das criações fluídicas e das modificações que o pensamento pode produzir na matéria. O pensamento, que provoca uma emissão fluídica, pode operar certas transformações, moleculares e atômicas, como se vêm ser produzidas sob a influência da eletricidade, da luz ou do calor.

11. – A prece, que é um pensamento, quando fervorosa, ardente e feita com fé, produz o efeito de uma magnetização, não só reclamando o concurso dos Espíritos bons, mas dirigindo sobre o doente uma corrente fluídica salutar. A respeito chamamos a atenção para as preces contidas em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, pelos doentes ou pelos obsediados.

12. – Se a mediunidade curadora pura é privilégio das almas de escol, a possibilidade de abrandar certos sofrimentos, mesmo de curar certas doenças, ainda que de maneira não instantânea, é dada a todos, sem que haja necessidade de ser magnetizador. O conhecimento dos processos magnéticos é útil em casos complicados, mas não indispensável. Como a todos é dado apelar aos Espíritos bons, orar e *querer* o bem, muitas vezes basta impor as mãos sobre uma dor para a acalmar; é o que pode fazer qualquer pessoa, se trazer a fé, o fervor, a vontade e a confiança em Deus. É de notar que a maioria dos médiuns curadores inconscientes, os que absolutamente não se dão conta de sua faculdade e que por vezes são encontrados nas mais humildes posições, e em gente privada de qualquer instrução, recomendam a prece e se socorrem orando. Apenas sua ignorância lhes faz crer na influência de tal ou qual fórmula; às vezes até misturam práticas evidentemente supersticiosas, às quais se deve conferir o valor que merecem.

13. – Mas porque se obteve resultados satisfatórios, uma ou mais vezes, seria temerário considerar-se médium curador e daí concluir que se pode vencer toda espécie de mal. Prova a experiência que, na acepção restrita da palavra, entre os mais bem-dotados não há médiuns curadores universais. Este terá restituído a saúde a um doente e nada produzirá sobre outro; aquele terá curado um mal num indivíduo, mas não curará o mesmo mal outra vez, na mesma pessoa ou em outra; enfim, aquele outro terá a faculdade hoje e não mais a terá amanhã, podendo recuperá-la



mais tarde, conforme as afinidades ou as condições fluídicas em que se encontre.

14. – A mediunidade curadora é uma *aptidão* inerente ao indivíduo, como todos os gêneros de mediunidade; mas o resultado efetivo dessa aptidão independe de sua vontade. Incontestavelmente ela se desenvolve pelo exercício e, sobretudo, pela prática do bem e da caridade; como, porém, não poderia ter a fixidez, nem a pontualidade de um talento adquirido pelo estudo e do qual se é sempre senhor, jamais poderia tornar-se uma profissão. Seria, pois, abusivamente que alguém se anunciasse ao público como médium curador. Estas reflexões não se aplicam aos magnetizadores, porque a força está neles e estão livres para a utilizar.

15. – É um erro acreditar que os que não partilham de nossas crenças não teriam a menor repugnância em experimentar esta faculdade. A mediunidade curadora *racional* está intimamente ligada ao Espiritismo, já que repousa essencialmente sobre o concurso dos Espíritos. Ora, os que não crêem nos Espíritos, nem na alma, e, ainda menos, na eficácia da prece, não poderiam colocar-se nas condições requeridas, pois isto não é coisa que se possa experimentar maquinalmente. Entre os que crêem na alma e em sua imortalidade, quantos ainda hoje não recuariam de pavor ante um apelo aos Espíritos bons, por medo de atrair o demônio, e ainda acreditam de boa-fé que todas essas curas sejam obra do diabo? O fanatismo é cego; não raciocina. Por certo nem sempre será assim, mas ainda passará muito tempo antes que a luz penetre em certos cérebros. Enquanto se espera, façamos o maior bem possível com o auxílio do Espiritismo; façamo-lo mesmo aos nossos inimigos, ainda que tivéssemos de ser pagos com ingratidão, pois é o melhor meio de vencer certas resistências e de provar que o Espiritismo não é assim tão negro como alguns o pretendem.

## Cura de uma Fratura pela Magnetização Espiritual

Sem dúvida nossos leitores se lembram do caso de cura quase instantânea de uma entorse operada pelo Espírito Dr. Demeure, poucos dias depois de sua morte e que relatamos na *Revista* do mês de março último, bem como a descrição da cena tocante ocorrida naquela ocasião. Esse bondoso Espírito acaba de revelar sua boa vontade por uma cura ainda mais maravilhosa, na mesma pessoa. Eis o que nos escreveram de Montauban, em 14 de julho de 1865:

O Espírito Dr. Demeure acaba de nos dar uma nova prova de sua solicitude e de seu profundo saber. Eis em que ocasião:

Na manhã de 26 de maio último, a Sra. Maurel, nossa médium vidente e escrevente mecânico, sofreu uma queda desastrosa e quebrou o antebraço, um pouco abaixo do cotovelo.

Essa fratura, complicada por distensões no punho e no cotovelo, estava bem caracterizada pela crepitação dos ossos e inchaço, que são os sinais mais certos.

Sob a impressão da primeira emoção produzida pelo acontecimento, os pais da Sra. Maurel iam procurar o primeiro médico que surgisse quando esta, retendo-os, tomou de um lápis e escreveu mediunicamente com a mão esquerda: “Não procureis um médico; eu me encarrego disto. Demeure.” Então esperaram com confiança.

Conforme as indicações do Espírito, pequenas faixas e um aparelho foram imediatamente confeccionados e colocados. Em seguida foi feita uma magnetização espiritual praticada pelos Espíritos bons, que ordenaram um repouso temporário.

Na noite do mesmo dia, alguns adeptos, convocados pelos Espíritos, se reuniram em casa da Sra. Maurel que, adormecida por um médium magnetizador, não demorou a entrar em estado sonambúlico. Então o Dr. Demeure continuou o tratamento que havia iniciado pela manhã, agindo mecanicamente sobre o braço fraturado. Sem outro recurso aparente senão sua mão esquerda, nossa doente logo já tinha tirado o primeiro aparelho, deixando apenas as faixas, quando se viu insensivelmente e sob a influência da atração magnética espiritual, o membro tomar diversas posições, próprias para facilitar a redução da fratura. Parecia, então, ser objeto de toques inteligentes, sobretudo no ponto onde devia efetuar-se a soldadura dos ossos; depois se alongava, sob a ação de trações longitudinais.

Após alguns instantes dessa magnetização espiritual, a Sra. Maurel procedeu sozinha à consolidação das faixas e a uma nova aplicação do aparelho, que consistia em duas tabuinhas ligadas entre si e ao braço por meio de uma correia. Tudo, pois, se passara como se hábil cirurgião tivesse, ele mesmo, operado visivelmente; e, coisa curiosa, ouvia-se durante o trabalho essas palavras que, sob a opressão da dor, escapavam da boca da paciente: “Não aperteis tanto!... Vós me maltratais!...” Ela via o Espírito do doutor e era a ele que se dirigia, suplicando ter cuidado com a sua sensibilidade. Era, pois, um ser invisível para todos, exceto para ela, que lhe fazia apertar o braço, servindo-se inconscientemente de sua própria mão esquerda.

Qual era o papel do médium magnetizador durante esse trabalho? Aos nossos olhos parecia inativo; com a mão direita, apoiada no ombro da sonâmbula, contribuía com sua parte para o fenômeno, pela emissão dos fluidos necessários à sua realização.

Na noite de 27 para 28, tendo a Sra. Maurel desarranjado seu braço em consequência de uma posição falsa, tomada durante o sono, manifestou-se uma febre alta, pela primeira

vez. Era urgente remediar esse estado de coisas. Assim, reuniram-se novamente no dia 28 e, uma vez declarado o sonambulismo, foi formada a cadeia magnética, a pedido dos Espíritos bons. Depois de vários passes e diversas manipulações, em tudo semelhantes aos descritos acima, o braço foi recolocado em bom estado, não sem ter a pobre senhora experimentado cruéis sofrimentos. A despeito do novo acidente, o membro já se ressentia do efeito salutar produzido pelas magnetizações anteriores; aliás, o que se segue o prova. Momentaneamente desembaraçado das tabuinhas, o antebraço repousava sobre almofadas, quando, de repente, levantou-se alguns centímetros em posição horizontal, dirigindo-se suavemente da esquerda para a direita e vice-versa; depois baixou obliquamente e foi submetido a uma nova tração. A seguir os Espíritos se puseram a girá-lo em todos os sentidos, fazendo, de vez em quando, trabalhar direito as articulações do cotovelo e do punho. Tais movimentos automáticos imprimidos a um braço fraturado, inerte, contrários a todas as leis conhecidas da gravidade e da mecânica, só podiam ser atribuídas à ação fluídica. Se não se tivesse certeza da existência dessa fratura, bem como dos gritos lancinantes dessa infeliz mulher, confesso que eu teria tido muita dificuldade em admitir o fato, um dos mais curiosos que a Ciência pode registrar. Assim, posso dizer, com toda sinceridade, que me sinto feliz por ter podido testemunhar semelhante fenômeno.

Nos dias 29, 30 e 31 seguintes as magnetizações espirituais sucessivas, acompanhadas de manipulações variadas de mil maneiras, acarretaram sensível melhora no estado geral de nossa doente; diariamente o braço adquiria novas forças. Sobretudo o dia 31 deve ser assinalado, como marcando o primeiro passo para a convalescença. Naquela noite dois Espíritos, que se faziam notar pelo brilho de sua irradiação, assistiam nosso amigo Demeure. Pareciam dar-lhe conselhos, que este se apressava em pôr em prática. Um deles, até, de vez em quando se punha à obra e, por sua doce influência, produzia sempre um alívio instantâneo. Pelo fim da noite as tabuinhas foram definitivamente abandonadas, restando

apenas as faixas para sustentar o braço e mantê-lo em determinada posição. Devo acrescentar que, além disso, um aparelho de suspensão vinha aumentar a solidez das ataduras. Assim, no sexto dia após o acidente, e malgrado a lamentável recaída accidental do dia 27, a fratura estava em tal via de cura, que o emprego dos meios usados pelos médicos durante trinta ou quarenta dias tinha se tornado inútil. A 4 de junho, dia fixado pelos Espíritos bons para a redução definitiva dessa fratura complicada por distensões, reunimo-nos à noite. Mal entrara em sonambulismo, a Sra. Maurel começou a desenrolar as faixas que envolviam seu braço, imprimindo-lhe um movimento de rotação tão rápido que dificilmente o olho seguia os contornos da curva descrita. A partir desse momento passou a servir-se do braço, como habitualmente. Estava curada.

No fim da sessão houve uma cena tocante, que merece ser relatada. Os Espíritos bons, em número de trinta, no começo formavam uma cadeia magnética paralela à que nós próprios formávamos. Tendo a Sra. Maurel se colocado, pela mão direita, em comunicação direta, sucessivamente, com cada dois Espíritos, recebia a ação benfazeja de uma dupla corrente fluídica energética, já que se punha no interior das duas cadeias. Radiosa de satisfação aproveitava a ocasião para agradecer efusivamente ao poderoso concurso que tinham prestado à sua cura. Por sua vez, recebia encorajamento para perseverar no bem. Terminado isto, ela experimentou suas forças de mil modos; apresentando o braço aos assistentes, fazia-os tocar nas cicatrizes da soldadura dos ossos; apertava-lhes a mão com força, anunciando-lhes com alegria a cura operada pelos Espíritos bons. Ao despertar, vendo-se livre em todos os movimentos, desfaleceu, dominada por profunda emoção!...

Quando se foi testemunha de tais fatos não se pode deixar de os proclamar em voz alta, pois merecem chamar a atenção das pessoas sérias.

Por que, então, no mundo inteligente se encontra tanta resistência em admitir a intervenção dos Espíritos sobre a matéria? Por que há pessoas que crêem na existência e na individualidade do Espírito, e lhes recusam a possibilidade de manifestar-se? É porque não se dão conta das faculdades *físicas* do Espírito, que se lhes afigura imaterial de maneira absoluta. Ao contrário, a experiência demonstra que, por sua própria natureza, ele age diretamente sobre os fluidos imponderáveis e, por conseguinte, sobre os fluidos ponderáveis, e mesmo sobre os corpos tangíveis.

Como procede um magnetizador ordinário? Suponhamos, por exemplo, que queira agir sobre um braço. Concentra sua ação sobre esse membro e, por um simples movimento dos dedos, executado a distância e em todos os sentidos, agindo absolutamente como se o contato da mão fosse real, dirige uma corrente fluídica sobre o ponto visado. O Espírito não age de outro modo; sua ação fluídica se transmite de perispírito a perispírito, e deste ao corpo material. O estado de sonambulismo facilita consideravelmente essa ação, graças ao desprendimento do perispírito, que melhor se identifica com a natureza fluídica do Espírito, e sofre, então, a influência magnética espiritual, elevada ao seu maior poder.

A cidade inteira ocupou-se desta cura, obtida sem o concurso da ciência oficial, e cada um dá a sua opinião. Uns pretenderam que o braço não se quebrou; mas a fratura tinha sido bem e devidamente constatada por numerosas testemunhas oculares, entre outras o Dr. D..., que visitou a doente durante o tratamento. Outros disseram: “É muito surpreendente!” e ficaram nisto. Inútil acrescentar que alguns afirmaram que a Sra. Maurel tinha sido curada pelo demônio. Se ela não estivesse entre mãos profanas, nisso teriam visto um milagre. Para os espíritas, que se dão conta do fenômeno, aí vêem muito simplesmente a ação de uma força natural, até agora desconhecida, e que o Espiritismo veio revelar aos homens.

*Observações* – Se há fatos espíritas que, até certo ponto, poderiam ser atribuídos à imaginação, como o das visões, por exemplo, neste já não seria o mesmo. A Sra. Maurel não sonhou que tivesse quebrado o braço, como também não sonharam as diversas pessoas que acompanharam o tratamento; as dores que sentia não eram alucinação; sua cura em oito dias não é uma ilusão, pois se serve do seu braço. O fato brutal está aí, ante o qual devemos necessariamente nos inclinar. Confunde a Ciência, é verdade, porque, no estado atual dos conhecimentos, parece impossível. Mas não foi sempre assim que se revelaram novas leis? É a rapidez da cura que vos espanta? A Medicina, contudo, não descobriu inúmeros agentes mais ativos do que os que conhecia para apressar certas curas? Nos últimos tempos não achou os meios de cicatrizar certas feridas quase instantaneamente? Não encontrou o de ativar a vegetação e a frutificação? Por que não teria um para ativar a soldadura dos ossos? Então conheceis todos os agentes da Natureza e Deus não tem mais segredos para vós? Não há mais lógica em negar hoje a possibilidade de uma cura rápida do que havia, no século passado, de negar a possibilidade de fazer em algumas horas o caminho que se gastavam dez dias para percorrer. Direis que este meio não está na farmacopéia, e é verdade; mas antes que a vacina nele fosse inscrita, seu inventor não foi tratado como louco? Os remédios homeopáticos também lá não se acham, o que não impede que os médicos homeopatas se encontrem em toda parte e curem. Aliás, como aqui não se trata de uma preparação farmacêutica, é mais que provável que esse meio de cura não figure por muito tempo na ciência oficial.

Mas, dirão, se os médicos vêm exercer sua arte depois de mortos, vão fazer concorrência aos médicos vivos; é bem possível; entretanto, que se tranquilizem estes últimos; se eles lhes arrancam algumas práticas, não é para os suplantarem, mas para lhes provar que não estão absolutamente mortos, e lhes oferecer o concurso desinteressado aos que se dignarem em aceitá-lo. Para melhor fazê-los compreender, mostram-lhes que, em certas circunstâncias, pode-se passar sem eles. Sempre houve médicos e

os haverá sempre; apenas os que aproveitarem as novidades que lhes trouxerem os desencarnados terão uma grande vantagem sobre os que ficarem na retaguarda. Os Espíritos vêm *ajudar o desenvolvimento da ciência humana*, e não suprimi-la.

Na cura da Sra. Maurel, um fato que talvez surpreenda ainda mais que a rapidez da soldadura dos ossos, é o movimento do braço fraturado, que parece contrariar todas as leis conhecidas da dinâmica e da gravidade. Contrário ou não, o fato aí está; desde que existe, tem uma causa; desde que se repete, está submetido a uma lei. Ora, é essa lei que o Espiritismo nos vem dar a conhecer pelas propriedades dos fluidos perispirituais. Aquele braço, submetido apenas às leis da gravidade, não poderia erguer-se; imaginai-o, porém, mergulhado num líquido de densidade muito maior que a do ar; fraturado como está, sustentado por esse líquido que lhe diminui o peso, aí poderá mover-se sem dificuldade e até erguer-se sem o menor esforço. É assim que num banho de imersão, o braço, que parece muito pesado fora d'água, parece muito leve dentro dela. Substituí o líquido por um fluido que goze das mesmas propriedades e tereis o que se passa no caso presente, fenômeno que repousa sobre o mesmo princípio que o das mesas e das pessoas que se mantêm no espaço sem ponto de apoio. Esse fluido é o fluido perispiritual, que o Espírito dirige à vontade, e cujas propriedades modifica pela simples ação da vontade. Na circunstância presente, deve-se, pois, imaginar o braço da Sra. Maurel mergulhado num meio fluídico que produz o efeito do ar sobre os balões.

A respeito, alguém perguntava se, na cura dessa fratura, o Espírito Dr. Demeure teria agido com ou sem o concurso da eletricidade e do calor.

A isto respondemos que a cura foi produzida, neste como em todos os casos de cura, pela magnetização espiritual, pela ação do fluido emanado do Espírito; que esse fluido, não obstante



etéreo, não deixa de ser matéria; que pela corrente que lhe imprime, o Espírito pode com ele impregnar e saturar todas as moléculas da parte doente; que pode modificar suas propriedades, como o magnetizador modifica as da água e lhe dá uma virtude curativa apropriada às necessidades; que a energia da corrente está na razão do número, da *qualidade* e da *homogeneidade* dos elementos que compõem a corrente das pessoas chamadas a fornecer seu contingente fluídico. Essa corrente provavelmente ativa a secreção que deve produzir a soldadura dos ossos, assim produzindo uma cura mais rápida do que quando entregue a si mesma.

Agora a eletricidade e o calor desempenham um papel nesse fenômeno? Isto é tanto mais provável quanto o Espírito *não curou por milagre*, mas por uma aplicação mais judiciosa das leis da Natureza, em virtude de sua clarividência. Se, como a Ciência é levada a admitir, a eletricidade e o calor não são fluidos especiais, mas modificações ou propriedades de um fluido elementar universal, devem fazer parte dos elementos constitutivos do fluido perispiritual. Sua ação, no caso presente, está, pois, implicitamente compreendida, absolutamente como quando se bebe vinho, necessariamente se bebe água e álcool.

## **Alucinação nos Animais nos Sintomas da Raiva**

Um dos nossos colegas transmitiu à Sociedade o extrato seguinte de um relatório lido na Academia de Medicina pelo Dr. H. Bouley, sobre os sintomas da raiva no cão.

“No período inicial da raiva e quando a doença está completamente declarada, há, nas intermitências, uma espécie de delírio no cão, que se pode chamar delírio rábico, do qual Youatt foi o primeiro a falar e a descrever perfeitamente.

“Esse delírio caracteriza-se por movimentos estranhos, que denotam que o animal doente vê objetos e ouve barulhos, que só existem naquilo que se tem pleno direito de chamar a sua imaginação. Com efeito, ora o animal se mantém imóvel, atento, como se estivesse à espreita; depois, de repente, atira-se e morde no ar, como faz o cão sadio que quer apanhar uma mosca no vôo. Outras vezes, furioso e uivando, atira-se contra a parede, como se tivesse ouvido, do outro lado, ruídos ameaçadores.

“Raciocinando por analogia, é-se autorizado a admitir que são sinais de verdadeiras alucinações. Entretanto, quem não estivesse prevenido não daria importância a esses sintomas, que são muito fugazes, bastando, para desaparecerem, que se faça ouvir a voz do dono. Então vem um momento de repouso; os olhos se fecham lentamente, a cabeça pende, as patas dianteiras parecem desaparecer sob o corpo e o animal está prestes a cair. Mas, de repente, se ergue e novos fantasmas vêm assediá-lo; olha em torno de si com selvagem expressão, abocanha como se quisesse pegar um objeto ao alcance dos dentes e se lança, na extremidade da corrente, ao encontro de um inimigo que só existe na sua imaginação.”

Esse fenômeno, minuciosamente observado pelo autor da memória, parece denotar que nesse momento o cão é atormentado pela visão de algo invisível para nós. É uma visão real ou uma criação fantástica de sua imaginação, em outras palavras, uma alucinação? Se for uma alucinação, certamente não é pelos olhos do corpo que vê, pois não são objetos reais; se forem seres fluídicos ou Espíritos, também não causam nenhuma impressão sobre o sentido da visão, e, assim, é por uma espécie de visão espiritual que ele os percebe. Num e noutro caso, gozaria de faculdade análoga, até certo ponto, à que possui o homem. A Ciência ainda não se tinha aventurado a dar uma *imaginação* aos animais. Ora, da imaginação a um princípio independente da matéria a distância não é grande, a menos que se admita que a matéria bruta: a madeira, a pedra, etc., possa ter imaginação.

Todos os fenômenos de visão são atribuídos pela Ciência à imaginação superexcitada. Não obstante, por vezes têm-se visto crianças em tenra idade, que ainda não sabem falar, correr atrás de um ser invisível, sorrir-lhe, estender-lhe os braços e querer agarrá-lo. Em comparação com a raiva, este fato não tem grande semelhança com o do cão acima citado? A criança ainda não pode dizer o que vê, mas as que começam a falar dizem, positivamente, que vêem seres invisíveis para os assistentes. Viram-nas descrever os avós falecidos, que elas não haviam conhecido. Concebe-se a superexcitação numa pessoa preocupada por uma idéia, mas não é, seguramente, o caso de uma criancinha. A imaginação sobreexcitada poderá despertar uma lembrança; o medo, a afeição, o entusiasmo poderão criar imagens fantásticas, é possível; sob o império de certas crenças, uma pessoa exaltada imaginará ver aparecer um ser que lhe é caro, a Virgem e os santos, ainda se admite; mas, como explicar, só por estas causas, o fato de uma criança de três a quatro anos descrever sua avó, que nunca viu? Seguramente não pode ser o produto de uma lembrança, nem da preocupação, nem de uma crença qualquer.

Digamos de passagem, e como corolário do que precede, que a mediunidade vidente parece ser freqüente, e mesmo geral, nas criancinhas. Nossos anjos-da-guarda viriam, assim, conduzir-nos, como pela mão, até o limiar da vida, para nos facilitar a entrada e nos mostrar sua ligação com a vida espiritual, a fim de que a transição de uma a outra não seja muito brusca. À medida que a criança cresce e pode fazer uso das próprias forças, o anjo-da-guarda se vela à sua vista, para deixá-la ao livre-arbítrio. Parece dizer-lhe: “Vim acompanhar-te até o navio, que te vai transportar pelo mar do mundo; agora, parte; voa com tuas próprias asas; mas, do alto do céu, velarei por ti; pensa em mim e em tua volta lá estarei para te receber.” Feliz aquele que, durante a travessia, não esquece seu anjo-da-guarda!

Voltemos ao assunto principal, que nos levou a essa digressão. Desde que se admita uma imaginação no cão, poder-se-ia dizer que a doença da raiva o superexcita a ponto de lhe provocar alucinações. Mas numerosos exemplos tendem a provar que o fenômeno das visões tem ocorrido em certos animais, no estado mais normal, sobretudo no cão e no cavalo; pelo menos é nestes que se tem observado mais. Raciocinando por analogia, pode supor-se que assim suceda com o elefante e com animais que, por sua inteligência, mais se aproximam do homem. É certo que o cão sonha; muitas vezes, durante o sono, já foram vistos fazendo movimentos que simulam a corrida; gemer ou manifestar contentamento. Seu pensamento está, pois, ativo, livre e independente do instinto propriamente dito. Que faz ele, o que pensa e o que vê nos seus sonhos? É o que, infelizmente, não nos pode dizer; mas o fato lá está.

Até agora quase não nos havíamos preocupado com o princípio inteligente dos animais e, ainda menos, com sua afinidade com a espécie humana, a não ser do ponto de visto exclusivo do organismo material. Hoje procuramos conciliar seu estado e seu destino com a justiça de Deus; mas a respeito apenas foram feitos sistemas mais ou menos lógicos, nem sempre de acordo com os fatos. Se a questão ficou indecisa por tanto tempo, é que nos faltavam, como para muitas outras, elementos necessários para compreendê-la. O Espiritismo, que dá a chave de tantos fenômenos incompreendidos, mal observados ou despercebidos, não pode deixar de facilitar a solução desse grave problema, ao qual não se deu toda a atenção que merece, porque é uma solução de continuidade nos elos que ligam todos os seres, e no conjunto harmonioso da Criação.

Por que, então, o Espiritismo não resolveu imediatamente a questão? Seria o mesmo que perguntar por que um professor de física não ensina aos alunos, desde a primeira lição, as leis da eletricidade e da óptica. Ele começa pelos princípios

fundamentais da ciência, pelos que devem servir de base para a compreensão dos outros princípios, reservando para mais tarde a explicação das leis subseqüentes. Assim procedem os grandes Espíritos que dirigem o movimento espírita; em boa lógica começam pelo começo e esperam que estejamos suficientemente instruídos num ponto, antes de abordar outro. Ora, qual devia ser o ponto de partida de seu ensino? A alma humana. Cabe a nós convencer de sua existência e de sua imortalidade; a nós compete dar a conhecer seus verdadeiros atributos e o destino que, de início, era preciso a ela ligar. Numa palavra, precisávamos compreender nossa alma, antes de procurar compreender a dos animais. O Espiritismo já nos ensinou bastante sobre a alma e suas faculdades; diariamente nos ensina mais e projeta luz sobre algum ponto novo. Mas quanto ainda resta a explorar!

À medida que o homem avança no conhecimento de seu estado espiritual, sua atenção é despertada para todas as questões que lhe dizem respeito, e a dos animais não é das menos interessantes; apreende melhor as analogias e as diferenças; busca explicar o que vê; tira conseqüências; ensaia teorias, sucessivamente desmentidas ou confirmadas por novas observações. É assim que, pelos esforços de sua própria inteligência, pouco a pouco se aproxima do objetivo. Nisto, como em todas as coisas, os Espíritos não nos vêm libertar do trabalho das pesquisas, porque o homem deve fazer uso de suas faculdades; ajudam-no, dirigem-no, o que já é muito, mas não lhe dão a ciência acabada. Uma vez no caminho da verdade, os Espíritos lha vêm revelar claramente, para fazer calar as incertezas e aniquilar os falsos sistemas. Mas, enquanto o homem espera, seu Espírito preparou-se para melhor compreendê-la e aceitá-la; e quando ela se mostra, não o surpreende; já estava no fundo do pensamento.

Vede a marcha que seguiu o Espiritismo. Veio surpreender os homens de improviso? Não, certamente. Sem falar nos fatos que se produziram em todas as épocas, ele está na

Natureza, como a eletricidade e, do ponto de vista do princípio, vinha preparando sua chegada há um século. Swedenborg, Saint-Martin, os teósofos, Charles Fourier, Jean Reynaud e tantos outros, sem esquecer Mesmer, que deu a conhecer a força fluídica de Puységur, o primeiro a observar o sonambulismo, todos levantaram uma ponta do véu da vida espiritual; todos giraram em torno da verdadeira luz e dela mais ou menos se aproximaram; todos prepararam os caminhos e predispueram os Espíritos, de sorte que o Espiritismo não teve, por assim dizer, senão que completar o que havia sido esboçado. Eis por que conquistou, quase instantaneamente, tão numerosas simpatias. Não falamos das outras causas múltiplas que lhe vieram em auxílio, provando que certas idéias já não eram compatíveis com o nível do progresso humano, e fizeram pressentir o advento de uma nova ordem de coisas, porque a Humanidade não pode ficar estacionária. Dá-se o mesmo com todas as grandes idéias que mudaram a face do mundo; nenhuma veio deslumbrar como um relâmpago. Cinco séculos antes do Cristo, Sócrates e Platão já não haviam lançado a semente das idéias cristãs?

Um outro motivo tinha feito adiar a solução relativa aos animais. Essa questão toca em preconceitos há muito enraizados, e que teria sido imprudente chocar de frente, razão por que os Espíritos não o fizeram. A questão é apresentada hoje; agita-se em diversos pontos, mesmo fora do Espiritismo; os desencarnados nela tomam parte, conforme suas idéias pessoais; essas várias teorias são discutidas, examinadas; uma imensidão de fatos, como o que trata este artigo, e que outrora teriam passado despercebidos, hoje chamam a atenção, em razão dos próprios estudos preliminares que têm sido feitos. Sem adotar esta ou aquela opinião, a gente se familiariza com a idéia de um ponto de contato entre a animalidade e a Humanidade; e, quando vier a solução definitiva, seja qual for o sentido em que ocorra, deverá apoiar-se sobre argumentos peremptórios, que não darão margem a qualquer

dúvida. Se a idéia for verdadeira, terá sido pressentida; se for falsa, é que se terá encontrado algo mais lógico para pôr em seu lugar.

Tudo se liga, tudo se encadeia, tudo se harmoniza na Natureza. O Espiritismo veio dar uma idéia-mãe e pode ver-se quão fecunda é esta idéia. Antes da luz que ele lança sobre a psicologia, ter-se-ia dificuldade em crer que pudessem surgir tantas considerações a propósito de um cão raivoso.

Depois que o relatório do Sr. Bouley foi lido na Sociedade de Paris, um Espírito deu a respeito a seguinte comunicação.

**(Sociedade Espírita de Paris, 30 de junho de 1865 –  
Médium: Sr. Desliens)**

Existe a visão no cão e em alguns outros animais, nos quais fenômenos semelhantes aos descritos pelo Sr. Bouley possam produzir-se? Para mim a questão não padece dúvida. Sim; o cão e o cavalo vêem ou sentem os Espíritos. Nunca testemunhastes a repugnância que, por vezes, manifestam esses animais, ao passarem num local onde ignoravam tivesse sido enterrado um corpo humano? Certamente direis que seus sentidos podem ser despertados pelo odor particular dos corpos em putrefação; então, por que passam indiferentes ao lado do cadáver enterrado de um outro animal? Por que se diz que o cão presente a morte? Nunca vistes cães uivando sob as janelas de uma pessoa agonizante, quando esta lhe era desconhecida? Não vedes, também, fora da excitação da raiva, diversos animais se recusarem a obedecer à voz do dono, recuarem amedrontados ante um obstáculo que lhes parece barrar a passagem, e se enfurecerem? e depois passarem tranqüilamente pelo mesmo sítio que lhes inspirava terror, como se o obstáculo tivesse desaparecido? Tem-se visto animais salvarem seus donos de um perigo iminente, recusando-se a percorrer o caminho onde estes teriam podido sucumbir. Os fatos de visões

nos animais se encontram na Antiguidade e na Idade Média, bem como em nossos dias.

Assim, não há dúvida de que os animais vêem os Espíritos. Aliás, dizer que eles têm imaginação não é lhes conceder um ponto de semelhança com o Espírito humano? e o instinto não é neles a inteligência rudimentar, apropriada às suas necessidades, antes que tenha passado pelos cadinhos modificadores, que a devem transformar e dar-lhe novas faculdades? O homem também tem instintos, que o fazem agir de maneira inconsciente, no interesse de sua conservação; porém, à medida que nele se desenvolvem a inteligência e o livre-arbítrio, o instinto se enfraquece, para dar lugar à razão, porque esse guia cego lhe é menos necessário.

O instinto, que está em todo o seu vigor no animal, perpetuando-se no homem, onde se perde pouco a pouco, certamente é um traço de união entre as duas espécies. A sutileza dos sentidos no animal, como no selvagem e no homem primitivo, suprimindo nuns e noutros a ausência ou a insuficiência do senso moral, é outro ponto de contato. Enfim, a visão espiritual que, com toda evidência, lhes é comum, embora em graus muito diversos, também vem diminuir a distância que parece erguer entre eles uma barreira intransponível. Contudo, nada conclusivo de maneira absoluta, mas observai atentamente os fatos, porque somente dessa observação a verdade brotará um dia para vós.

*Moki*

*Observação* – Este conselho é muito sábio, pois, evidentemente apenas nos fatos é que se pode assentar uma teoria sólida; fora disso só haverá opiniões e sistemas. Quando constatados, os fatos são argumentos sem réplica, cujas consequências, mais cedo ou mais tarde, terão de ser aceitas. Foi o princípio que serviu de base à Doutrina Espírita, e é o que nos leva a dizer que o Espiritismo é uma ciência de observação.



## Uma Explicação

### A PROPÓSITO DA REVELAÇÃO DO SR. BACH

Sob o título de *Carta de um desconhecido*, assinada por Bertelius, o *Grand Journal* de 18 de junho de 1865, traz a seguinte explicação do fato relatado na *Revista Espírita* de julho último, relativa à ária do rei Henrique III, revelada em sonho ao Sr. Bach. O autor se apóia exclusivamente no sonambulismo, e parece fazer abstração completa da intervenção dos Espíritos. Embora, sob esse ponto de vista, difiramos de sua maneira de ver, sua explicação não deixa de ser menos sabiamente racional; e se não é, em nossa opinião exata em todos os pontos, contém idéias incontestavelmente verdadeiras e dignas de atenção.

Contra certos magnetizadores ditos *fluidistas*, que não vêem em todos os efeitos magnéticos senão a ação de um fluido material, sem levar a alma em conta, o Sr. Bertelius faz esta representar o papel capital. Ele a apresenta no seu estado de emancipação e de desprendimento da matéria, gozando de faculdades que não possui em estado de vigília. É, pois, uma explicação do ponto de vista completamente espiritualista, se não inteiramente espírita, o que já é alguma coisa para a afirmação da possibilidade do fato por outras vias que não a da materialidade pura, e isto num jornal importante.

É de notar que neste momento se produz, entre os negadores do Espiritismo, uma espécie de reação, ou, antes, formase uma terceira opinião, que pode ser considerada como uma transição. Hoje muitos reconhecem a impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria, mas ainda não podem decidir-se a admitir a intervenção dos Espíritos. Procuram sua causa na ação exclusiva da alma encarnada, agindo independentemente dos órgãos materiais. Incontestavelmente é um passo que se deve considerar como uma primeira vitória sobre o

materialismo. Da ação independente e isolada da alma, durante a vida, a esta mesma ação depois da morte, a distância não é grande; para aí serão levados pela evidência dos fatos, e pela impossibilidade de tudo explicar apenas com o auxílio do Espírito encarnado.

Eis o artigo publicado no *Grand Journal*:

“Contando, no penúltimo número do *Grand Journal*, o fato singular ocorrido com o Sr. G. Bach, fazeis estas perguntas: ‘A espineta pertenceu a Baltazarini? – Foi o Espírito Baltazarini quem escreveu a *romanza* e a sarabanda? – Mistério que não ousamos aprofundar.’

“Por favor: por que um homem, que estimo julgar livre de preconceitos, recua diante da pesquisa da verdade? Mistério! – dizeis vós. – Não, senhor; não há mistério. Há uma simples faculdade, com que Deus dotou certos homens, como dotou outros com uma bela voz, com o gênio poético, com o espírito de cálculo, com uma perspicácia rara, faculdades que a educação pode despertar, desenvolver, melhorar. Em contrapartida, existe uma infinidade de outras faculdades conferidas ao homem, e que a civilização, o progresso e a educação aniquilam, em vez de favorecer o seu desenvolvimento.

“Não é verdade, por exemplo, que os povos selvagens têm uma sensibilidade auditiva que não possuímos? que aplicando o ouvido no chão, distinguem o passo de um homem, ou de vários homens, de um cavalo ou de vários cavalos, de um animal selvagem a grande distância?

“Também não é verdade que eles medem o tempo com precisão, sem ampulheta, sem relógio? que dirigem com segurança sua marcha através de florestas virgens, ou suas canoas nos rios e no mar, olhando as estrelas, sem o concurso da bússola e sem

qualquer noção de Astronomia? – Enfim não é verdade que curam suas doenças sem médicos? que sabem tratar as picadas dos animais mais venenosos com ervas simples, que distinguem em meio a tantas outras, e acham aos seus pés? Não se sabe que curam as mais perigosas feridas com terra argilosa? E não podem, como me dizia tão judiciosamente, nos confins dos Estados Unidos, um chefe Pele-Vermelha, que o Grande Ser sempre pôs o remédio ao lado do mal?

“Estas verdades tornaram-se banais de tanto repetidas; mas delas se servem alguns para disfarçar a sua ignorância; outros – a maioria – para aí colher matérias para contradições. É tão fácil tomar ares de espírito forte negando tudo! e tão difícil explicar a obra de Deus, cujo segredo buscamos nos livros, quando encontraríamos sua solução na Natureza! Eis o grande livro aberto a todas as inteligências; mas nem todas são feitas para decifrar esses mistérios, porque aí uns lêem através de suas prevenções ou seus preconceitos, e outros através de sua insuficiência ou seu orgulho de sábio.

“Servi-vos dos meios mais simples para aprofundar os mistérios da Natureza, e encontrareis a solução, até os limites impostos à inteligência humana por uma inteligência superior.

“Dissestes que o Sr. Bach não é sonâmbulo. Que sabeis disto, e que sabe ele próprio? Afirmo que o Sr. Bach é sonâmbulo, mesmo sem jamais ter tido a honra de o encontrar e sem o conhecer. Nele o sonambulismo ficou em estado latente; foi necessário um acontecimento excepcional, uma sensação muito viva e muito persistente, uma emoção que compreenderão todos os que amam a curiosidade e o saber, para revelar a si mesmo uma faculdade da qual deve ter tido alguns exemplos, que ficaram despercebidos em sua vida, mas dos quais sem dúvida hoje se lembrará, se quiser interrogar o seu passado e refletir.

“De acordo com o que nos informastes, o Sr. Bach empregou uma parte do dia na contemplação de sua preciosa espineta; descobriu o inventário do instrumento (abril de 1564). ‘Ao deitar-se pensava nela; e quando o sono lhe veio cerrar as pálpebras, ainda pensava no instrumento.’

“O sonâmbulo procede por graus. – Quando quiserdes que ele veja o que se passa em Londres, por exemplo, deveis mencionar que o pondez numa carruagem, que toma uma estrada de ferro, que embarca e atravessa o mar (então, muitas vezes, sente náuseas), que desembarca, retoma a estrada de ferro e, finalmente, chega ao termo de sua viagem.

“O Sr. Bach seguiu a marcha habitual aos sonâmbulos. Tinha virado, revirado, desmontado e examinado detalhadamente a sua espineta; estava cheio desta idéia e, mentalmente, sem nisso pensar, deve ter dito consigo mesmo: ‘A quem pode ter pertencido esse instrumento?’ A corrente magnética – os espíritos fortes não negarão tal corrente – estabeleceu-se entre ele e o instrumento. Adormeceu e caiu no sono natural e, a seguir, passou naturalmente ao estado de sonambulismo. Então procurou, vasculhou no passado e se pôs em comunicação mais íntima com a espineta; deve tê-la virado, sacudido, posto a mão onde pousara a do antigo proprietário do instrumento, há três séculos; e, interrogando o passado, o que é infinitamente mais fácil que ver o futuro, achou-se em contato com esse ser que não mais existe. Ele o viu com as suas vestes habituais, executando a ária que tantas vezes o instrumento tocou; ouviu a letra tantas vezes acompanhada e, arrastado por essa força magnética que se chama eletricidade, o Sr. Bach a escreveu, com a própria mão, tão bem quanto hoje se transmite a Lyon um telegrama escrito por vossa mão, com a vossa própria letra. O Sr. Bach escreveu no estado de sonambulismo, repito-o, essa ária e essa letra que jamais tinha ouvido; e, superexcitado por uma emoção muito viva, despertou banhado em lágrimas.

“Gritareis que é impossível. – Pois bem! escutai este fato: – Eu mesmo enviei uma sonâmbula à Inglaterra; ela realizou a viagem, não no sono sonambúlico, mas numa condição que não era o estado inteiramente natural, nem o de sonambulismo completo. – Apenas lhe ordenei que todas as noites dormisse o tempo necessário, naturalmente, e que escrevesse o que deveria fazer para chegar ao resultado que devia alcançar em sua viagem. – Ela não sabia uma palavra de inglês. Não conhecia ninguém. O caso que a preocupava era grave... Ela realizou sua viagem, escreveu todas as noites consultas sobre o que devia fazer, as pessoas que devia ver, os endereços onde as devia encontrar. Seguiu textualmente e ao pé da letra as indicações que se tinha dado, foi à casa de pessoas que não conhecia e das quais jamais ouvira falar e que eram justamente as que tudo podiam... E o fez tão bem que ao cabo de oito dias, um caso que teria exigido anos sem esperança de chegar ao fim, foi resolvido para a sua completa satisfação, e minha sonâmbula voltou depois de ter realizado maravilhas. – No estado natural essa mulher extraordinária é apenas uma pessoa comum.

“Notai este fato: sua letra no sono é completamente diferente da escrita habitual. Foram escritas palavras em inglês, língua que ela não conhece. Conversa comigo em italiano e, acordada, não seria capaz de dizer duas palavras nesse idioma.

“Assim, o próprio Sr. Bach escreveu e anotou, com a própria mão, a ária de Henrique III, embora talvez não reconhecesse sua letra. E o que é mais surpreendente, é que deve duvidar de suas faculdades magnéticas, como a minha sonâmbula que, a esse respeito, é de uma incredulidade tão radical que não se pode falar de magnetismo em sua presença, sem que ela se apresse em declarar que é uma insensatez acreditar nisto.

“E talvez ainda, conquanto não o digais, o Sr. Bach não tinha papel nem tinta. Em Londres minha sonâmbula encontrou sobre a mesa as indicações desejadas escritas a lápis; ela não tinha

lápiz!... Estou certo de que ela foi vasculhar no hotel, encontrou o lápis de que precisava e o trouxe para o seu quarto, com essa exatidão, essas precauções, essa leveza vaporosa, quase sobrenatural, comum nos sonâmbulos.

“Eu vos poderia citar fatos mais surpreendentes que o do Sr. Bach. Mas por hoje basta. Hesito mesmo em vos enviar estas notas, escritas ao sabor da pena.

“Há vinte anos que magnetizo, mas ocultei, mesmo aos meus melhores amigos, o resultado de minhas descobertas. É tão fácil tachar um homem de loucura! Há tanta gente interessada em pôr a luz debaixo do alqueire! E, acima de tudo, forçoso é dizer, há tantos charlatães que abusaram do magnetismo que seria necessária uma coragem sobre-humana para declarar que dele se ocupa. Seria melhor proclamar que se assassinou pai e mãe do que confessar que se acredita no magnetismo.

“Regra geral, entretanto: não creiais nunca, jamais! em experiências públicas, nos falsos sonâmbulos, que dão consultas mediante dinheiro, e oráculos como as sibilas antigas, que agem e falam à menor ordem e a qualquer hora, diante de um público numeroso, como um autômato habilmente fabricado. É charlatanismo! Nada é mais caprichoso, teimoso, volúvel, birrento e rancoroso que um sonâmbulo. Uma ninharia lhe paralisa as faculdades de segunda vista; uma bagatela o faz mentir por malícia; um nada o perturba e o faz mudar de rumo, e isto se compreende. Há algo mais susceptível que uma corrente elétrica?

“Eu me afastei de um hábil cientista, o Dr. E..., muito conhecido em Londres, com o qual iniciei minhas primeiras experiências magnéticas, justamente porque sempre considerei como grave falta o abuso do magnetismo. Empolgado pelos resultados miraculosos que obtínhamos, um dia ele quis enxertar o sistema frenológico no magnetismo. Pretendia que, tocando certas

saliências da cabeça, o sonâmbulo apresentava a sensação da qual aquela saliência era sede. Tocando o local presumível do canto, o paciente cantava; o da gulodice, ele mastigava no vazio, dizendo que tal comida tinha este ou aquele sabor. E assim por diante.

“Considerarei que era levar a experiência longe demais e, sobre um fato real – o sonambulismo – assentar uma ciência problemática: a frenologia. Eu queria ampliar o domínio das descobertas magnéticas, mas não abusar delas, como geralmente se faz.

“Tive a irreverência de declarar ao meu professor que ele se desviava e que eu defendia ser dever de todos quantos conhecem os fenômenos magnéticos se levantarem contra todas essas experiências, cujo único objetivo é satisfazer uma curiosidade ignorante, explorar algumas fraquezas humanas e não o de alcançar um resultado prático para a Humanidade, e útil a todos.

“Mas é mais difícil do que se pensa manter-se nesses limites honestos, quando se chegou a resultados maravilhosos. Os mais fortes magnetizadores se deixam arrastar e, fenômeno ainda mais maravilhoso, quando se chega a ponto de exigir sempre experiências públicas de seu paciente, este parece se perturbar, não tem mais esse imprevisto, essa lucidez, essa clarividência que o distinguiam; torna-se uma máquina automática, que responde sobre um tema dado e cujas faculdades se empobrecem até desaparecerem.

“Infelizmente, pessoas que não ousariam tentar uma simples experiência de física recreativa, que se confessam incapazes de executar o menor truque de prestidigitação, jamais hesitam, sem preparação e sem o menor estudo prévio, em fazer experiências magnéticas.

“Ah! se eu não temesse mergulhar os leitores do vosso *Grand Journal* num sono menos interessante, porém mais

barulhento que o de meus sonâmbulos, eu vos entreteria em breve com fatos eminentemente curiosos... Mas antes é preciso saber que acolhida dareis a esta primeira carta; é o que sábadó ficarei sabendo, ao rebentar o lacre de meu exemplar.

*Bertellius*

## Um Egoísta

### ESTUDO ESPÍRITA MORAL

No dia 10 de janeiro de 1865, um dos nossos correspondentes de Lyon nos transmitiu o seguinte relato:

Numa localidade vizinha, conhecíamos um indivíduo, cujo nome omitimos, para não sermos maledicentes e porque o nome nada tem com o fato. Era espírita e, sob o domínio dessa crença se melhorou, embora não a tivesse aproveitado tanto quanto poderia tê-lo feito, devido à sua inteligência. Vivia com uma velha tia, que o amava como filho, e que não poupava trabalhos nem sacrifícios por seu caro sobrinho. Por economia era a boa mulher que cuidava da casa. Até aí tudo muito natural; o que o era menos é que o sobrinho, jovem e em boa forma, a deixava fazer trabalhos acima de sua força, sem que jamais lhe acudisse à idéia poupar-lhe marchas penosas para a sua idade, o transporte de fardos e coisas semelhantes. Na casa não mudava um móvel de lugar, como se tivesse criados às suas ordens; e mesmo que previsse algum penoso serviço excepcional, arranjava um pretexto para se abster, temeroso de que lhe pedissem um auxílio, que não poderia recusar. Entretanto, havia recebido várias lições a respeito, poder-se-ia dizer afrontas, capazes de fazer refletir um homem de coração; mas era insensível. Um dia em que a tia se extenuava rachando lenha, lá estava ele sentado, fumando tranqüilamente o seu cachimbo. Entrou um vizinho e, vendo isto, lançou um olhar de desprezo sobre o rapaz e disse: “Isto é trabalho para homem, e não para mulher.” Depois, tomando o machado, pôs-se a rachar a lenha,



enquanto o outro olhava. Era estimado como um homem decente e de boa conduta, mas porque seu caráter não tivesse amenidade nem perseverança, não era apreciado e a maioria dos amigos se haviam afastado. Nós, espíritas, nos afligíamos por essa dureza de coração e dizíamos que um dia ele pagaria muito caro por isso.

A previsão realizou-se ultimamente. Devo dizer que, em conseqüência dos esforços que fazia, a velha senhora foi acometida por uma hérnia muito grave, que a fazia sofrer muito, mas que ela tinha coragem para não se lamentar. Durante esses últimos frios, provavelmente querendo esquivar-se a um trabalho penoso, o sobrinho saiu cedo e não voltou. Ao atravessar uma ponte, foi atingido pela queda de uma viatura e arrastado por uma encosta; morreu duas horas depois.

Quando fomos informados do fato, quisemos evocá-lo, e eis o que nos foi respondido por um dos nossos guias:

“Aquele a quem quereis chamar não poderá comunicar-se antes de algum tempo. Venho responder por ele e vos dizer o que quereis saber; mais tarde ele vo-lo confirmará. Neste momento ele está muito perturbado pelos pensamentos que o agitam. Vê a tia e a doença que ela contraiu em conseqüência das fadigas corporais e da qual ela morrerá. É isto que o atormenta, pois se considera como o seu assassino. E o é, com efeito, já que lhe podia poupar o trabalho que será a causa de sua morte. Para ele é um remorso pungente que o perseguirá por muito tempo, até que tenha reparado a sua falta. Ele queria fazê-lo; não deixa a tia, mas seus esforços são inúteis e, então, se desespera. É preciso, para o seu castigo, que a veja morrer devido à sua negligência egoísta, porque sua conduta é uma variedade do egoísmo. Orai por ele, a fim de que possa manter o arrependimento, que mais tarde o salvará.”

P. – Nosso caro guia poderia dizer-nos se não lhe serão levados em conta outros defeitos de que se corrigiu por causa do Espiritismo e se sua posição não se abrandou?

*Resp.* – Sem nenhuma dúvida, essa melhora lhe é levada em conta, pois nada escapa ao olhar perscrutador da divina Providência. Mas eis de que maneira cada boa ou má ação tem suas conseqüências naturais, inevitáveis, conforme estas palavras do Cristo: “A cada um segundo as suas obras.” Aquele que se corrigiu de algumas faltas se poupa da punição que elas teriam acarretado e, ao contrário, recebe o prêmio das qualidades que as substituíram; mas não pode escapar às conseqüências dos defeitos que ainda ficaram. Assim, não é punido senão na proporção e conforme a gravidade destes últimos; quanto menos os tiver, melhor a sua posição. Uma qualidade não resgata um defeito; diminui o número destes e, por conseguinte, a soma das punições.

Os defeitos dos quais se corrigem primeiro, são os mais fáceis de ser extirpados, e aquele do qual se libertam mais dificilmente é o egoísmo. Julgam ter feito bastante porque moderaram a violência do caráter, se resignaram à sorte ou se livraram de alguns maus hábitos; sem dúvida é algo que aproveita, mas não impede de pagarem o tributo de depuração pelo resto.

Meus amigos, o egoísmo é o que melhor se vê nos outros, porque sentimos o seu contragolpe e porque o egoísta nos fere; mas o egoísta encontra em si mesmo sua satisfação, razão por que dele não se apercebe. O egoísmo é sempre uma prova de securra do coração; estiola a sensibilidade para os sofrimentos alheios. O homem de coração, ao contrário, sente esse sofrimento e se emociona; é por isto que se sacrifica para os poupar ou os mitigar nos outros, porque gostaria que fizessem o mesmo por ele. Assim, é feliz quando evita uma pena ou um sofrimento a alguém; *tendo-se identificado com o mal de seu semelhante, experimenta um alívio real quando não mais existe o mal.* Contai com o seu reconhecimento se lhe prestardes serviço; mas do egoísta não espereis senão a ingratião; o reconhecimento em palavras nada lhe custa, mas em ação o fatigaria e lhe perturbaria o repouso. Só age por outro quando forçado, e jamais espontaneamente; seu apego está na

razão do bem que espera das pessoas, e isto algumas vezes mau grado seu. O rapaz de quem falamos certamente gostava da tia e se teria revoltado se lhe tivessem dito o contrário; contudo, sua afeição não chegava a ponto de fatigar-se por ela; de sua parte não era um desígnio premeditado, mas uma repulsa instintiva, consequência de seu egoísmo nato. A luz que não soubera achar em vida, hoje lhe aparece e ele lamenta não ter aproveitado melhor os ensinamentos que recebeu. Orai por ele.

O egoísmo é o verme roedor da sociedade, é mais ou menos o de cada um de vós. Em breve eu vos darei uma dissertação, na qual ele será encarado sob seus diversos matizes; será um espelho; olhai-o com cuidado, para ver se não percebeis num canto qualquer um reflexo de vossa personalidade.

*Vosso guia espiritual*

## Notas Bibliográficas

(À VENDA)

### O CÉU E O INFERNO, OU A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO

Contendo: o exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, as penas e recompensas futuras, os anjos e os demônios, as penas eternas, etc.; seguido de numerosos exemplos acerca da situação real da alma durante e depois da morte.

**POR ALLAN KARDEC**

Como não nos cabe fazer o elogio, nem a crítica desta obra, limitamo-nos a dar a conhecer o seu objetivo, pela reprodução de um extrato do prefácio.

“O título desta obra indica claramente o seu objetivo. Aí reunimos todos os elementos próprios para esclarecer o homem sobre o seu destino. Como nos nossos outros escritos sobre a

Doutrina Espírita, aí nada introduzimos que seja produto de um sistema preconcebido, ou de uma concepção pessoal, que não teria nenhuma autoridade: tudo aí é deduzido da observação e da concordância dos fatos.

“*O Livro dos Espíritos* contém as bases fundamentais do Espiritismo; é a pedra angular do edifício; todos os princípios da doutrina aí estão expostos, até os que devem constituir o seu coroamento; mas era necessário lhe dar desenvolvimentos, deduzir-lhe todas as conseqüências e todas as aplicações, à medida que se desdobravam pelo ensino complementar dos Espíritos e por novas observações. Foi o que fizemos em *O Livro dos Médiuns* e em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, em pontos de vista especiais; é o que fazemos nesta obra sob um outro ponto de vista, e é o que faremos sucessivamente nas que nos restam publicar, e que virão a seu tempo.

“As idéias novas só frutificam quando a terra está preparada para as receber. Ora, por terra preparada não se deve entender algumas inteligências precoces, que só dariam frutos isolados, mas um certo conjunto na predisposição geral, a fim de que não só dê frutos mais abundantes, mas que a idéia, encontrando maior número de pontos de apoio, encontre menos oposição, e seja mais forte para resistir aos seus antagonistas. *O Evangelho segundo o Espiritismo* já era um passo avante; *O Céu e o Inferno* é mais um passo cujo alcance será facilmente compreendido, porque toca ao vivo certas questões; mas não podia vir mais cedo.

“Se se considerar a época em que veio o Espiritismo, reconhecer-se-á sem custo que veio em tempo oportuno, nem muito cedo, nem muito tarde. Mais cedo, teria abortado, porque, não sendo numerosas as simpatias, teria sucumbido sob os golpes dos adversários; mais tarde, teria perdido a ocasião favorável de se produzir; as idéias poderiam ter tomado outro curso, do qual teria

sido difícil desviá-las. Era preciso deixar às velhas idéias o tempo de se gastarem e provar a sua insuficiência, antes de apresentar outras novas.

“As idéias prematuras abortam porque não se está maduro para as compreender e porque ainda não se faz sentir uma mudança de posição. Hoje é evidente para todos que se manifesta um grande movimento na opinião; formidável reação se opera, no sentido progressivo, contra o espírito estacionário ou retrógrado da rotina; os satisfeitos da véspera são os impacientes do dia seguinte. A Humanidade está no trabalho de parto; há qualquer coisa no ar, uma força irresistível que a impele para frente; ela está como um jovem saído da adolescência, que entrevê novos horizontes sem os definir, e se livra das fraldas da infância. Vê-se algo de melhor, alimentos mais sólidos para a razão; mas esse melhor ainda está no vago; buscam-no; todos trabalham nisto, do crente ao incrédulo, do operário ao cientista. O Universo é um vasto canteiro; uns demolem, outros reconstroem; cada um talha uma pedra para o novo edifício, do qual só o grande arquiteto possui o plano definitivo, e cuja economia só será compreendida quando suas formas começarem a se desenhar acima da superfície do solo. Foi o momento que a soberana sabedoria escolheu para o advento do Espiritismo.

“Os Espíritos que presidem ao grande movimento regenerador agem, pois, com mais sabedoria e previdência do que o fariam os homens, porque abarcam a marcha geral dos acontecimentos, ao passo que nós só vemos o círculo limitado do nosso horizonte. Estando chegados os tempos da renovação, conforme os desígnios divinos, era preciso que, em meio às ruínas do velho edifício e para não perder a coragem, o homem entivesse as bases da nova ordem de coisas; era preciso que o marinheiro percebesse a estrela polar, que o deve guiar ao porto.

“A sabedoria dos Espíritos, que se mostrou no surgimento do Espiritismo, revelado quase instantaneamente em toda a Terra, na época mais propícia, não é menos evidente na ordem e na gradação lógicas das revelações complementares sucessivas. Não depende de ninguém constranger sua vontade a tal respeito, porque eles não medem seus ensinamentos ao sabor da impaciência dos homens. Não nos basta dizer: ‘Gostaríamos de ter tal coisa’ para que ela fosse dada; e ainda menos nos convém dizer a Deus: ‘Julgamos que é chegado o momento para nos dardes tal coisa; nós nos julgamos bastante adiantados para a receber’, porque seria dizer-lhe: ‘Sabemos melhor que vós o que convém fazer.’ Aos impacientes os Espíritos respondem: ‘Começai primeiro por saber bem, compreender bem e, sobretudo, por bem praticar o que sabeis, a fim de que Deus vos julgue dignos de aprender mais; depois, quando chegar o momento, saberemos agir e escolheremos os nossos instrumentos.’

“A primeira parte desta obra, intitulada *Doutrina*, contém o exame comparado das diversas crenças sobre o céu e o inferno, os anjos e os demônios, as penas e as recompensas futuras; o dogma das penas eternas aí é encarado de maneira especial e refutado por argumentos tirados das próprias leis da Natureza, e que demonstram não só o seu lado ilógico, já assinalado centenas de vezes, mas a sua impossibilidade material. Com as penas eternas caem, naturalmente, as conseqüências que se acreditava delas poder tirar.

“A segunda parte encerra numerosos exemplos em apoio da teoria, ou, melhor, que serviram para estabelecer a teoria. Colhem sua teoria na diversidade dos tempos e lugares onde foram obtidas, porquanto, se emanassem de uma única fonte, poderiam ser consideradas como produto de uma mesma influência. Além disso, colhem-na na sua concordância com o que diariamente se obtém em toda parte onde se ocupam das manifestações espíritas

de um ponto de vista sério e filosófico. Esses exemplos poderiam ter sido multiplicados ao infinito, pois não há centro espírita que não os possa fornecer em notável contingente. Para evitar repetições fastidiosas, tivemos de fazer uma escolha entre os mais instrutivos. Cada um desses exemplos é um estudo em que todas as palavras têm o seu alcance para quem quer que as medite com atenção, porque de cada lado jorra uma luz sobre a situação da alma depois da morte, e a passagem, até então tão obscura e tão temida, da vida corporal à vida espiritual. É o guia do viajor, antes de entrar num país novo. A vida de além-túmulo aí se desdobra sob todos os seus aspectos, como um vasto panorama; cada um aí colherá novos motivos de esperança e de consolação, e novos suportes para firmar a fé no futuro e na justiça de Deus.

“Nesses exemplos, em sua maioria tomados de fatos contemporâneos, dissimulamos os nomes próprios, sempre que o julgamos útil, por motivos de conveniência fáceis de apreciar. Aqueles a quem tais exemplos podem interessar os reconhecerão facilmente. Para o público, nomes mais ou menos conhecidos e, por vezes, muito obscuros, nada teriam acrescentado à instrução que deles se pode tirar.

Eis os títulos dos capítulos:

**PRIMEIRA PARTE.** Doutrina. I – O porvir e o nada. II – Temor da morte. III – O céu. IV – O inferno. V – Quadro comparativo do inferno pagão e do inferno cristão. VI – O purgatório. VII – Doutrina das penas eternas. VIII – As penas futuras segundo o Espiritismo. IX – Os anjos. X – Os demônios. XI – Intervenção dos demônios nas modernas manifestações. XII – É proibido evocar os mortos?

**SEGUNDA PARTE.** *Exemplos.* I – A passagem. II – Espíritos felizes. III – Espíritos em condições medianas. IV –

Espíritos sofredores. V – Suicidas. VI – Criminosos arrependidos. VII – Espíritos endurecidos. VIII – Expições terrestres.

**CONVERSAS FAMILIARES SOBRE O ESPIRITISMO**

**Pela Sra. Émilie Collignon (de Bordeaux)**

Temos a satisfação e o dever de chamar a atenção dos nossos leitores para esta brochura, que apenas anunciamos no último número, e que inscrevemos com prazer entre os livros recomendados. É uma exposição completa, embora sumária, dos verdadeiros princípios da doutrina, em linguagem familiar, ao alcance de todos, e sob uma forma atraente. Fazer a análise desta produção seria fazer a de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*. Assim, não é por conter idéias novas que recomendamos esse opúsculo, mas como um meio de propagar a doutrina.

*Allan Kardec*